

A Problemática Existencial no Diário de Miguel Torga

Eduardo Javier Alonso Romo
Universidade de Salamanca

1. O Diário de Torga no contexto geral da sua obra

Miguel Torga, que em 1989 recebeu o primeiro Prêmio Camões, é na realidade o pseudônimo literário por que é conhecido o escritor português Adolfo Correia da Rocha. Nascido em S. Martinho de Anta (Trás-os-Montes) em 1907, trabalhou no Brasil durante cinco anos e, voltando à Pátria, formou-se em Medicina. Quando faleceu em Coimbra, a 17 de Janeiro de 1995, deixou uma vasta produção literária que abrange vários gêneros: poesia, teatro, ficção narrativa e literatura de viagens. Mas uma das suas obras mais pessoais e características é o *Diário*¹.

Começado a redigir em Janeiro de 1932 e concluído em Dezembro de 1993, o *Diário* atingiu 1700 páginas repartidas por dezesseis volumes - publicados desde 1941- e cobre toda a vida literária do escritor. No *Diário*, em pequenos quadros localizados no espaço e no tempo, encontram-se amostras de quase todos os gêneros: prosa, verso - aqui estão alguns dos seus melhores poemas -, crítica social, descrição de paisagens, contos esboçados, apreciações culturais, reflexões de carácter filosófico-moral, etc. Nesta obra singular há expansões de humanitarismo, depoimentos sobre situações e cenas da vida portuguesa misturados com críticas aos atropelos da dignidade, da liberdade e da justiça. De feição autobiográfica, o *Diário* pode conside-

¹ *Diário*, edição integral e definitiva, Coimbra, ed. do Autor, 1995, 2 vols.

rar-se um complemento da série *A criação do Mundo*, na qual Torga nos dá também uma espécie de autobiografia romancesada.

Portanto, o *Diário* tem uma importância fundamental na obra de Torga, para além de, nos seus últimos trinta anos, ser a expressão privilegiada e quase exclusiva do autor. É uma obra insólita e ímpar na literatura portuguesa que ultrapassa o intimismo desbordante de outras obras do seu gênero para mostrar um homem que foi assumindo e promovendo a conversão da sua pessoa em personagem e da personagem em pessoa².

No presente trabalho, pretendemos abordar a problemática existencial como eixo fundamental do *Diário* torquiano. A grande complexidade do tema obriga-nos a separar a nossa análise em diversos apartados sobre distintos aspectos que tocam as questões básicas da verdade e do sentido da vida humana: o conceito do homem, a obsessão pela passagem do tempo e pela morte, a imagem negadora de Deus junto à nostalgia da fé, etc.

Tratamos de olhar o conjunto desde vários pontos de vista, tão relacionados como complementários entre si, desde um homem que a si mesmo faz perguntas existenciais para chegar ao essencial, e que por isso transcende a própria pessoa para adquirir um valor universal: "Cada vida se salva ou perde no plano de Deus. Isto é: no seu absoluto desnudamento" (23-IX-60).

Com razão afirma Fernão de Magalhães Gonçalves que "a espessura do humanismo torquiano tem no seu discurso teológico o mais poderoso ingrediente", já que "as palavras Deus, destino e liberdade são talvez as mais constantes e obsessivas do texto torquiano, e balizam todo o seu polarizado percurso"³.

Se por um lado Torga escreve que o *Diário* "não é uma crônica dos meus dias, mas a parábola deles" (3-VIII-70), também é verdade que este gênero discursivo tem a vantagem de permitir ver o homem nas contradições inerentes à quotidianidade, com as pequenas grandezas e misérias. Por isso o essencial do trabalho vai ser ouvir e prestar atenção ao que o próprio Torga nos diz nas suas páginas.

2. O homem torquiano: entre Dionisos e Prometeu

Miguel Torga frequentemente exprime o sentimento de se sentir radicalmente unido à terra: "Não tenho asas de contemplativo. Os meus arrebatamentos processam-se ao nível do chão [...] Nunca me canso de olhar a terra" (27-VII-68). Aliás, o escritor transmontano conjuga o seu amor pela terra portuguesa - onipresente ao longo do *Diário*⁴ - com um telurismo de tendência dionisíaca, que pretende recuperar uma certa comunhão mágica com a Natureza: "Para o verdadeiro crente, a missa, que nunca varia, nunca se repete. E a minha missa é esta. Uma íntima e diária comunhão com a natureza, nos transes da sua perpétua agonia, morte e ressurreição" (16-IV-67). Deste modo misturam-se o telúrico e o pagão.

Há nele uma profunda identificação com a natureza: "Vivo a natureza integrado nela. De tal modo, que chego a sentir-me, em certas ocasiões, pedra, orvalho, flor ou nevoeiro. Nenhum outro espectáculo me dá semelhante plenitude e cria no meu espírito um sentido tão acabado do perfeito e do eterno" (26-X-42). Em algum momento chega a uma espécie de transfiguração, quando consegue unir "o meu corpo e o meu sangue ao corpo e ao sangue da natureza, a perfeita comunhão que se realiza e a estranha metamorfose que daí resulta exigem o nome sagrado de transfiguração" (26-XII-62).

Provocantemente declara-se meio-panteísta, bem meio-pagão, preferindo as divindades da mitologia greco-latinas ao Deus cristão: "Sim, talvez me não queira depois de morto,

² Cfr. Assunção Morais Monteiro, "Autenticidade e autoficção no *Diário* de Miguel Torga", em *Actas do V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Oxford-Coimbra, 1998, pp. 1079-1088.

³ Fernão de Magalhães Gonçalves, *Ser e ler Miguel Torga*, Chaves, Tartaruga, 1998, pp. 132 e 139. Igualmente outro autor corrobora que "não obstante volumosa, sua poesia, porque monocórdica na toada de um único conflito de raiz religiosa, é fácil abranger e sintetizar em alguns poemas e versos"; Francisco Maciel Silveira, "A poesia de Miguel Torga: «negação a negar a negação»", *Brotéria*, 147 (Lisboa 1998), p. 557.

⁴ "Por isso quando chegar a hora da grande jogada, tenho um trunfo a meu favor que há-de desconcertar a morte: a íntima certeza de que não vou estranhar a cama, seja qual for o sítio onde me enterrem" (21-X-55).

quando eu já não tiver desejos, paixões, instinto, razão e sentimentos... Há-de ser muito triste, decerto. Mas mais triste seria eu negar-me agora ao aceno saboroso de Vênus, à voz cósmica de Pan, ao calor fecundante de Apolo, a todas as dádivas das amigas divindades que me solicitam [...] Por isso me vou divertindo com as minhas divindades naturais, luciferinamente, certo de que o diabo é ainda uma grande companhia. Foi a ele que Jesus disse que o seu reino não era deste mundo. E o meu, precisamente, é" (5-V-46).

Geralmente Torga parece não partilhar aquela afirmação de Hegel de que o natural não coincide com o humano e que o humano é que o homem deixe de ser natural⁵. De facto, as objeções de Torga ao Cristianismo são muito semelhantes às de Nietzsche, entendendo que o homem que se respeita não deve curvar-se perante qualquer poder, pois para eles toda a prática cristã se resume numa "moral de escravos" que destrói a fortaleza dos impulsos, força a espontaneidade do temperamento, inutilizando os instintos⁶. É o que expressa ao comparar a Igreja com uma prisão: "Mostrei-lhe a Sé e o Aljube. A Sé onde já rezei, e o Aljube onde já penei. Mas fi-lo discretamente, sem acrescentar que, embora com grades diferentes, eram duas cadeias igualmente terríveis. Que em ambas se prendia o espírito, ou em nome do ódio humano, ou em nome do amor divino" (27-II-68). Por isso aposta por uma moral humanista ao dizer que "o homem só peca contra o homem e contra as suas criações" (5-V-46)⁷.

Freqüentemente parece identificar-se com as religiões pré-cristãs da Península Ibérica. Por exemplo em Panóias escre-

⁵ Em *Lamentação*, por exemplo, o Paraíso Perdido seria o da animalidade. A crítica moral-social está ao nível do sermão da Montanha, e Jesus é simplesmente o paradigma do Homem natural: "Eram só dois passos mais, / e a vida teria resolvido em ti / o mistério de concentrar em si / tantos dons naturais [...] / Mas desceste da cruz!", em *Lamentação*, 3ª ed., Coimbra, ed. do autor, 1970, p. 14.

⁶ Teresa Rita Lopes assinala que "sem nunca ter assumido como Pessoa (pelas interpostas pessoas dos seus heterónimos) uma cruzada contra «o morbo cristista» assim por ele chamado, aplica-se ao longo de toda a obra a combater a tísica da saudade a que contrapõe a alegria pagã, do corpo"; "A desmesura do mito", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 14, n.º 634 (1-14 de Fevereiro de 1995), p. 12.

⁷ No entanto, esta idéia não está longe daquilo que escreveu Tomás de Aquino: "não recebe Deus ofensa de nós, senão por agir nós contra o nosso próprio bem", em *Summa contra gentes*, III, p. 122.

ve: "De tanto visitar este santuário pagão, acabei por me meter na pele de um seu qualquer devoto primitivo [...] É aqui que mais vezes o espírito me fala e que a minha humanidade religiosa encontra mais satisfatória expressão" (16-IX-79).

Igualmente, perante uma festa popular exclama em exaltação dionisiaca da vida: "Atrai-me esta amplidão pagã, sinto-me bem a pisar um chão em que o deus vivo de ricos e pobres, de alfabetos e analfabetos, é o toiro do povo [...] Um deus eternamente viril, num paraíso sem pecado original" (17-IX-67). Aparece então um sentimento de maravilhada descoberta do real que chega até nós através de múltiplas imagens. As páginas diarísticas mostram-nos, enfim, um homem capaz de espanto perante o milagre da existência (27-XII-41), e que não quer perder essa capacidade: "Apesar da idade, não me acostumar à vida" (25-V-82).

Na realidade, lendo as páginas do *Diário* podemos encontrar duas formas contrapostas de assumir a condição corporal do homem: uma orgulhosa que tem prazer nela e outra que se entristece por tão corruptível situação, sujeita à dor e à morte. Há portanto uma insolúvel ambigüidade entre o optimismo antropológico de raiz pagã e um profundo pessimismo nascido do confronto com a realidade.

O humanismo de Torga tem origem na admiração ("Que insondável mistério é um ser humano!", 20-II-69) e na genuína identificação com todo o que é humano, que o leva a acreditar no homem, mesmo quando tudo convida ao contrário: "Cheguei, em matéria de descrença no homem, à saturação. E, contudo, este perdido, este condenado, merece-me uma ternura tal, que não há tolice que faça, asneira que invente, mentira que diga que me deixem indiferente" (24-VII-42). E quarenta anos depois continua a escrever: "O homem continua a ser a minha grande aposta. Sem acreditar nele, como poderia acreditar em mim?" (23-XI-82).

Há em Torga, por outro lado, um arreigado sentimento de rivalidade perante um Deus entendido como competidor com a liberdade humana, percebendo uma contradição insolúvel entre a plenitude humana e a existência de Deus. Miguel Torga, no fundo um "eu rebelde" de estirpe romântica, faz

lembrar, em certas atitudes suas, um Prometeu libertado que, subindo ao monte mais alto da terra, daí desafiava Deus para uma luta frente a frente, em nome do homem. Por isso não estranhará que ao longo de toda a obra torguiana, se sinta um prometeísmo, uma revolta e afirmação da imanência humana (e animal, e terrena) contra a divindade transcendente, uma "megalomania de humanidade" carregada de desilusões. Óscar Lopes lembra que a "descrença fingida" é conhecida na literatura portuguesa desde todo um pulular de religiosidade heterodoxa nos saudosistas e republicanos portugueses de 1910. O próprio diabolismo, ou concepção dos impulsos demoníacos como vindos da camada mais funda, a camada revolucionária, do divino, viera já de Teixeira de Pascoaes até José Régio, eco tardio de uma ideia que já fizera história de Milton a Baudelaire e Rimbaud⁸.

Nisto poderia coincidir com a visão de José Saramago, como, em geral, com todos os ateísmos de tipo humanista⁹. Trata-se, portanto, da afirmação do homem à custa de Deus, ou à margem dele: "se acreditássemos no maravilhoso humano como acreditamos no maravilhoso divino, o mundo seria outro" (17-IV-87).

No fundo achamos uma pobre imagem de Deus: uma caricatura que termina sendo um estorvo para o homem. Torga rejeita um Deus imposto - um Deus de fórmulas secas, de mandamentos exigentes, de justiça implacável, que o leva a exclamar: "Ou Deus ou Nós" (6-I-38). Até que ponto influiu nele a má experiência do seminário - aliás comum a outros escritores portugueses como Aquilino Ribeiro e Vergílio Ferreira?¹⁰

⁸ Cfr. Óscar Lopes, *Entre Filho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, IN-CM, 1987, p. 720.

⁹ Pode ver-se o nosso artigo sobre "La temática religiosa en la obra de José Saramago", *Razón y Fe*, 239 (Madrid 1999), pp. 151-161.

¹⁰ Talvez na origem da sua crise religiosa esteja um conflito moral ao estabelecer-se um dualismo insuperável entre carne e espírito. Torga lembra a sua passagem pelo seminário em algumas páginas do *Diário*: 21-II-63. No entanto, Teresa Rita Lopes comenta que "a experiência do seminário incompatibilizou-o com o Deus que lhe impuseram mas não matou nele o espírito religioso que sempre foi (que toda a gente é, dizia numa entrevista)"; salientando que "perpassam pela sua obra alguns padres que, embora permaneçam no seio da Igreja católica, adaptam os mandamentos da Lei de Deus aos da Lei da Vida, ou da Terra", art. cit., p. 12.

Torga não consegue imaginar Deus como Pai, alguém em quem poder confiar, mas por vezes parece reconhecer que grande parte do seu problema está na sua imagem de Deus: "No fundo é do meu velho problema religioso que se trata. Nunca lhe dei uma solução capaz. Vejo um destino arduo onde devia ver um Deus misericordioso. E jogo com ele às escondidas, enredado numa teia de agoiros. Em vez de ser um crente adulto confiado, sou um temente infantil desconfiado" (20-XI-84).

Por isso não é estranho que uma das suas imagens preferidas seja a do combate de Deus com o homem, de raiz bíblica: "Tréguas com Deus. Mas ainda não consegui saber se fui eu que deixei de lutar com ele, se foi ele que deixou de lutar comigo" (9-X-63)¹¹.

Nalgumas páginas o escritor constitui-se, como Nietzsche, em profeta da "morte de Deus": "Deus morreu realmente na consciência humana" (10-IV-89). Torga nega Deus, entendendo-o como fantasma: "a luta que o homem tem travado com os seus fantasmas! E a ironia com que lhes chama deuses!" (7-III-84); ou como simples criação do homem: "os deuses morrem como nós, ou não fossem eles nossas criaturas" (13-III-84).

Para explicar o trato recorrente do tema religioso diz que "para falar de Deus não é preciso ter fé. Basta apenas estar de boa-fé" (14-V-91). Assim ousa dizer que "os deuses são realmente respostas transitórias às nossas perguntas eternas" (2-VII-66), ou que "os deuses mudam no espaço e no tempo. A fé que os venera é sempre a mesma. E sempre absurda" (7-VI-87). E o escritor quer ser coerente até ao fim: "Negar Deus. Muito bem. Mas que não seja para divinizar sucedâneos mais absurdos do que ele" (1-V-79).

¹¹ Noutro lugar dirá Torga: "Apenas luto eu, por ser Poeta / e ser teu inimigo desde o berço" (*O Outro Livro de Job*, Coimbra, 1936). José de Melo comenta que "o homem de Miguel Torga faz-nos lembrar um deus escorraçado [...] que, negando-se a pedir esmola, exigindo justiça, gritasse a Deus igualdade de direitos, em relação ao próprio Deus. Mas um deus escorraçado que, olhando as vestes esfarrapadas, caísse de quando em vez na consciência da sua própria condição e do seu próprio destino", *Miguel Torga. A Obra e o Homem*, Lisboa, Arcádia, 1960, p. 66.

Pode dizer-se que uma das tensões fundamentais do *Diário* nasce da vontade de rejeitar, mas também de desejar, qualquer transcendência à vida individual terrena, de antemão condenada à morte, à velhice, à doença, à exploração social e à mentira. Isto supõe uma revolta: a não compreensão, a não aceitação da vida tal qual foi criada.

3. Um vitalismo trágico para a morte

Mas o Prometeu rebelde e o Dionisos vitalista é também Tântalo impotente, aparecendo então um homem frágil e angustiado. Com frequência o *Diário* mostra um rosto de desolação desarraigada: "Sou eu essa criatura perdida, esse aborto lastimoso, esse pobre instrumento discernente e degradado [...] Autor, actor e espectador, acabo por encarnar toda a tragédia da espécie no palco da consciência: Prometeu, com o fogo roubado aos deuses nas mãos orgulhosas, roído pela águia do seu íntimo terror..." (8-XII-61).

A íntima desolação pode acabar no apelo a Deus, como nesta "Prece", um dos seus poemas mais rijos, gritado desde a angústia radical, quando só tinha 27 anos: "Senhor, deito-me na cama / Coberto de sofrimento; / E a todo o comprimento / Sou sete palmos de lama: Sete palmos de excremento / Da terra-mãe que me chama". (11-XII-34)¹².

Outras vezes a aflição do poeta tem uma raiz social. De facto, entre os limites que estragam o mundo, Torga assinala repetidamente a incapacidade do homem para viver em paz e fraternidade: "Senhor: / Se o meu tempo é de campos de concentração, / De bombas de hidrogénio e de maldição, / E de cruéis tiranos / Com pêlos nos ouvidos e no coração, / Que ando eu a fazer aqui, / Funâmbulo de angústia / Com miragens de esperança?" (16-XII-52).

¹² Esta forma de escrever lembra-nos a chamada "poesia desarraigada" de autores espanhóis coetâneos de Torga, como Dámaso Alonso, ainda que com uma "religação" religiosa que falta no escritor português; cfr. Luis Vázquez Fernández, *El humanismo religioso de Dámaso Alonso*, separata da revista *Estudios*, 55 (1999).

Deste modo, a frágil ambigüidade da condição humana aparece frequentemente no *Diário*¹³, tanto quando se refere si próprio: "peço clemência, só por ser humano" (8-VIII-62), como quando generaliza: "o homem não passa de um pobre títere nas mãos da fortuna" (25-VII-87).

Por isso a outra cara - a cruz - do *Diário* é agônica - concebendo a vida como luta -, e revela um sentido patético da existência, que não concede tréguas. A vida aparece como "caltarse", e de fato palavras como "cálice", "cilício", "crucificação", ou "maceração", são frequentes ao longo dos dezesseis volumes¹⁴.

Uma das formas com que o tema da morte aparece confrontado no *Diário* é a visão naturalista do processo de morte e renascimento, como um eterno retorno, como uma reabsorção da pessoa nos ciclos anuais da Natureza: "Acabar com a ideia da morte. Integrarmo-nos na natureza [...] O homem é, ao cabo e ao resto, um animal. Sofra pois como animal, e não como Deus" (24-VI-47). Nestes trechos quer viver o fato da morte como fusão com as forças genesíacas e renovadoras da Natureza. "A morte é uma grande reconciliadora" (9-III-87).

Em ocasiões o autor parece inspirar-se em certo senequismo desdramatizador perante a cultura cristã: "O cristianismo transformou a vida numa cruz, porque lhe pôs a consciência da morte à cabeceira. E crentes e ateus vivem no mesmo terror. Ora a idéia terrífica do fim não é uma condição fisiológica, nem mesmo intelectual do homem. Nem os Gregos, nem os Romanos, por exemplo, sentiam a morte com a irreparável angústia que nos rói" (12-VII-47). Parece então reconciliado com a dinâmica vital que assume que "na dialéctica da vida, por cada alento que vem, há uma morte" (5-V-46).

¹³ A propósito disto, Óscar Lopes fala de "duas tensões insistentes e em cuja profunda unidade reside, provavelmente, o núcleo ainda de algum modo indigitável da sua obra. O apego aos limites carnis, terrenos (e outros) que, individual ou colectivamente, definem um (o) homem, e a revolta espontânea contra esses limites", *op. cit.*, p. 728.

¹⁴ João Bigotte Chorão, "O monodialogo de Torga", *Colóquio/Letras*, 135-136 (Lisboa 1995), p. 18. Aliás, este patetismo mostra-se também na forte carga emotiva de vários títulos dos seus livros: *Ansiedade*, *Abismo*, *Lamentação*, *Penas do Purgatório*, *Câmara Ardente*, etc.

Por vezes Torga parece estar perfeitamente instalado no finito: "Ora se eu não acredito na eternidade, se não a concebo, se não a vejo, se não a sinto, porque não respeitam esta limitação?"; "Os deuses teimam em fazer-me sentir que sou homem. O erro deles é cuidarem que eu quero ser outra coisa" (29-III-87). Faz mesmo questão de opor o eterno e o quotidiano: "Não acreditei em nenhuma eternidade, mas acreditei no quotidiano concreto como se ele fosse uma eternidade diária" (21-XII-57). E esta teimosa fidelidade a si próprio é mesmo mantida nos seus últimos anos: "O meu pendor religioso nem perante o sofrimento atroz em que agonizo cede à tentação dum qualquer alívio beato. Continuo fiel à realidade de ser uma pobre criatura transitória de barro, sem apetência instintiva da bênção redentora de qualquer graça providencial solicitada" (29-IV-91).

Também encontramos no *Diário* momentos de cansaço da vida e de vontade de morte: "Há horas em que entendo a morte. É quando a vida se torna tão absurda que até mesmo no plano instintivo deixa de ter sentido" (9-XII-84). Por isso, diante da extrema fragilidade humana exclama: "Que pobres nós somos em certas horas! Horas malditas, em que a nossa própria vida confiada é uma afronta às vidas já sem esperança" (12-IV-87); "às vezes vale a pena morrer" (6-XII-92). Até chegar à atitude provocante de pedir a morte: "Senhor, acaba comigo / Antes do dia marcado; / Um golpe bem acertado, / O tiro dum inimigo... / Qualquer pretexto tirado / Dos sarcasmos que te digo" (11-XII-34)¹⁵.

Mas outras vezes, perante a morte sente a frieza do muro do absurdo e isto provoca a revolta íntima: "Protesto contra a minha condição / De mortal sem nenhuma garantia" (1-III-68). Há então perplexidade perante a vida sem sentido, que surge da certeza da morte: "A morte. Escândalo dos escândalos [...] Condenados a prazo que agonizam em cada hora que passa, numa obsessão que nem sequer é estimulante, como no caso dos místicos que se fortalecem com a presença de uma caveira ao lado" (23-IV-81). Então o poeta sofre o desgarrão da

temporalidade¹⁶: "Não há nada que resista ao tempo. Como uma grande duna que se vai formando grão a grão, o esquecimento cobre tudo" (22-III-40). Do mesmo modo faz-se eco da tremenda desolação causada pela certeza de deixar de existir: "A morte é séria, realmente. Mas a vida é mais [...] roída pela consciência permanente da derrota" (18-III-67); "a vida humana é um demorado instante" (29-VII-58). Mesmo o fato de escrever um diário, mostra a vontade de eternizar cada dia e apresar o tempo.

Com motivo do falecimento do escritor, Marcello Duarte Mathias escreveu estas palavras: "Tanto na *Criação do Mundo* como no *Diário*, a morte é uma constante na obra autobiográfica de Miguel Torga. Não no sentido de a ela nos devermos resignar, antes como parte de um todo irrecusável. Consciencializá-la é conferir à plenitude de viver a sua mais elevada inquietação. Agravada, no seu caso, por um individualismo extremo e por uma experiência profissional com ela confrontada todos os dias"¹⁷. Acrescentamos nós que, se Torga desde muito novo sentiu a seriedade da vida e da morte, progressivamente se vai fazendo mais pessimista e aumenta a sua obsessão pela morte, nomeadamente no último *Diário*, correspondente aos anos 1990-1993, e que constitui um impressionante testemunho de teimosa luta contra a própria decadência física.

Vemos pois, um homem que continuamente se confronta com a morte: "Piorei da saúde [...] Dantes, a morte parecia-nos vir de fora, num ataque bruto e frontal. Agora não. Agora, conseguimos vê-la crescer em nós, milimetricamente, insidiosamente, como uma semente na terra ou um afecto no coração" (6-III-53). Então entendemos melhor estas palavras: "Instintivamente, não compreendo a morte. Passei a vida a combatê-la, por ofício e aversão natural. Foi o seu espantinho que me toldou pelos anos fora o optimismo, a alegria e a esperança" (29-IX-65).

¹⁶ Neste sentido salientam-se os comentários que de modo sistemático escrevia no *Diário* cada 12 de Agosto, com motivo do seu aniversário.

¹⁷ Marcello Duarte Mathias, "A morte no *Diário*", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 14, n.º 634 (1-14 de Fevereiro de 1995), p. 15. Recordemos que a primeira experiência forte foi a morte do avô, referida em *A criação do mundo*, 4.ª edição refundida, Coimbra, ed. do autor, 1969, pp. 20-22.

O médico-escritor mostra a sua impotência perante a morte¹⁸: "cada vez me sinto menos capaz de a compreender e aceitar" (10-XII-58). Mas aparecem ao longo do *Diário* várias mortes especialmente próximas do escritor: a da mãe (1-VI-48), a do pai (26-IV-56), e a da irmã, que o leva a excluir: "Oxalá que no outro mundo ela tenha a visão gloriosa da ressurreição em que acreditava. Eu por cá fico ainda neste desespero agnóstico" (3-IV-83).

Certas expressões torquianas parecem nascer duma atitude sarcástica e irônica perante o absurdo duma existência que tem de acabar sem remédio: "Quem não acredita no céu, fica pelo menos a acreditar no cemitério" (23-III-48).

Há em Torga, portanto, uma negação da idéia de ressurreição¹⁹: "A longo ou a curto prazo, é o nada total, absoluto, sem corpo, sem alma, sem nome, que nos espera" (2-XI-61). Por isso encara a morte com toda a sua terribilidade: "O terror com que vejo aproximar-se o fim, onde só posso chegar no pavor biológico de bicho consciente, e no desespero humano de saber que terminam ali, irrevogavelmente, todas as minhas possibilidades de salvação" (12-VIII-69). Em Salamanca, frente ao busto de Unamuno, com quem o escritor luso tinha uma profunda afinidade mental, exclamará: "Não D. Miguel: os versos que transcreveste do cemitério de Mallona mentiam. A ressurreição que prometiam da carne e da pele, era ilusória. A única eternidade possível é esta da tua glória: um busto duradouro como um pesadelo" (13-IX-51).

A questão é que, ao negar Deus, Torga fica sem o único possível garante de vida eterna. Para ele o homem está só, agora e sempre, porquanto a sua perspectiva não se socorre de qualquer espécie de redenção religiosa, nem com ela se compadecer: "A morte ri-se de nós duplamente se nos leva em pecado mortal de ambiguidade: ao mesmo tempo incrédulos e agarrados a um símbolo de fé" (23-IV-64). Procurará, sim, resguardar a sua independência de alma no culto da lucidez e na coragem a que aquela obriga: "Dou comigo perto do mar da morte num

¹⁸ Cfr. 7-XI-34.

¹⁹ Entre outras coisas, falta-lhe o sentido da "ruptura escatológica", reconhecendo, porém, que "a grande cartada do catolicismo foi a da ressurreição da carne" (23-VII-47).

desespero cada vez mais crucial, que recusa todos os lenitivos" (10-XI-68).

Por isso rejeita uma possível conversão²⁰: "Enquanto o meu corpo e o meu espírito puderem esbracejar, nunca farei o jogo sujo de erguer as mãos por cálculo diante de nenhum altar. Mas dado que sim, que exista um Deus cioso que a minha mioopia me não deixa ver claramente, quero crer que é esta mesma atitude de rebeldia que espera de mim. Tragicamente postas num pé de dúvida irremediável, as nossas relações teriam de ser, e foram sempre, difíceis mas viris. De potestade a potestade. A onipotência divina enfrentada pela inconformação humana" (22-VI-72)²¹. É também a idéia de fundo quando afirma: "Optei por determinado ideal em que o homem é responsável, e não desisto dele. Hei-de chegar ao fim a lutar como comecei. A lutar por uma salvação que não depende da graça de nenhum Deus, mas da minha liberdade de a desejar" (7-VII-58). E mesmo nos piores momentos, continua a mostrar um sofrimento que não quer ser consolado: "Vida infernal, a minha. Pareço esfolado, em carne viva. Mas é assim que quero acabar os dias, num desespero sem lenitivo" (3-V-79).

Porém o escritor, que sabe que "nunca o homem se resignou a ser uma fugaz labareda dessa fogueira perpétua" (12-DX-67), às vezes deixa transparecer uma funda aspiração de eternidade: "Mas eu acredito na eternidade do espírito e na divindade das coisas. Creio que cada realidade perecível tem a sua projecção divina imperecível" (28-VIII-48). Nessas ocasiões, afirma-se faminto ("A minha fome não é de fama, mas de eternidade", 16-IV-88), e reconhece o seu anelo de imortalidade: "A própria obsessão da morte que trago comigo se transforma num inexprimível sentimento de perenidade" (11-IX-89). Mesmo chega a escrever que "o pânico da interrogação não abrange toda a minha natureza. O mais íntimo dela recusa-se a aceitar a irrevogabilidade do aniquilamento, a fatalidade da morte. É como se a certeza da eternidade estivesse inscrita no meu código genético" (6-V-78).

²⁰ Cfr. 11-IX-70.

²¹ Cfr. os registos de 24-II-64, 11-VIII-88 e 20-III-91.

4. Torga, profeta da esperança e do desespero

O homem torguiano tem sempre o tamanho daquilo que o nega, e é por isso que o seu desespero é trespassado de esperança, mas uma esperança que leva dentro a sombra do desespero: "A liberdade é sempre o último caminho. Um caminho direito que, por não levar concretamente a nada, nos leva à esperança" (28-II-53). Poderíamos falar paradoxalmente, então, de um "desespero esperançado", de modo que o desespero faz parte da sua esperança, a tirar do desespero a sua força criadora, talvez porque o verdadeiro pensamento brota da dor: "A angústia é o rosto sério da esperança" (17-VII-64). Por isso diz: "Sou uma natureza condenada a duas vidas. Uma que gostaria de voltar a viver e outra que gostava de não ter vivido" (14-VI-79).

Por um lado, Torga considera-se a si próprio como profeta de esperança: "Um poeta, por mais pobre que seja, tem sempre que dar. E eu dou isto: esperança" (27-XI-57). Em ocasiões expõe a sua confiança num mundo melhor: "vale a pena andar no mundo só para confiar nessa hora redentora - manhã de promessa que inúmeras almas iluminadas por dentro aguardam ansiosamente, imersas na escuridão" (15-IX-62).

De facto, embora possamos achar momentos de alegria ao longo do *Diário* torguiano ("a vida é uma bela aventura", 10-IX-55), estes são menos - nomeadamente segundo vão passando os anos - de modo que é mais freqüente a aflição. Por vezes reconhece-se incapaz de compartilhar uma festa: "o que eu daria para, ao menos por alguns momentos, ser capaz de tanta devoção, tanto brio, tanta alegria, tanto desbordamento" (13-IX-81).

Assim, no poema "Maldição" achamos esta paráfrase do Salmo 130: "Do fundo do abismo onde cá [...] / Levanto o pensamento. / E nenhum céu vislumbro lá no alto / Que me sirva de alento, / A encher de azul o poço de negrura" (14-V-83). Pois entre as causas da angústia está a falta de sentido: "A terra tem um senão: a mudez. E o poeta é um homem de perguntas. Desde que me conheço que me dilacera o cilício de a interrogar sem esperança" (15-VIII-55); e também a segura sentença de morte: "Apostei na vida e perdi. Acreditei nela piamente, tentei ser-lhe

fiel de todas as maneiras, e chego ao fim na triste convicção de que, afinal, foi tudo inútil, e que apenas cheguei ao desespero de nada poder distrair-me da evidência da minha morte" (15-II-79). Daí brotam as imprecações contra a esperança do Torga velho: "Tão fiel que te fui a vida inteira, / E deixas-me na hora da verdade!" (30-I-86).

Aliás, o seu amor à vida é forte, o que o leva a responder ironicamente ao existencialismo de Sartre: "A vida é uma paixão inútil, diz o Sartre. Mas, afinal, não se matou depois da descoberta. A vida é uma paixão inútil que nos prende com amarras que nenhuma paixão útil possui. A grande beleza dela, e o seu grande sentido, é justamente ser inútil" (10-IV-50). E a mesma aposta gratuita pela vida exprime quando exclama: "Que absurda é a vida, e que estupidez a minha amá-la como a amo!" (1-I-73).

Um tema central ao longo do *Diário* - como também nos contos torguianos - pode ser caracterizado como a pura coragem de viver, de resistir ao trauma do nascimento ou às situações que colocam a vida em risco, ou, mais tipicamente, em que só arriscando se pode sobreviver e muitas vezes se morre. Nascer, procriar e morrer são, pois, os grandes momentos sacrais desta estética, pois cada risco renova o trauma do nascimento. Assim, vemos continuamente o contraste vida e antívida.

Entre as forças destrutivas que afloram nos seus textos, Torga faz uma afirmação criadora perante o nada ameaçante: "Viver. Não há outra saída airosa. Viver até ao limite das forças, dando a cada célula em pânico a ilusão da esperança [...] Por isso, teimar. Resistir de corpo e alma até onde o coração der. Que a nossa morte seja uma vilania sofrida, e não uma cobardia cometida" (2-III-86)²². Mas não é só a lucidez que podemos admirar neste gráfico dos seus males: "Peço-te lucidez, Senhor" (14-VII-74); é sobretudo o estoicismo que contrapõe "uma tei-

²² Lembremos Unamuno quando, partindo de Senancour, diz: "El hombre es perecedero: Puede ser, mas perezcamos resistiendo, y si es la nada lo que nos está reservado, hagamos que sea una injusticia eso"; *Del sentimiento trágico de la vida*, em *Obras completas*, Madrid, Escélicer, 1966, vol. VII, p. 264.

mosia vital insólita” ao gravame da idade e da doença, como se viver fosse um acto de vontade²³.

Encontramos portanto no *Diário* “a confissão de exilado que assume por inteiro essa condição e dela extrai as lições possíveis: a vontade de viver; a alegria terrena, inseparável das raízes que o viram nascer; a memória e o apelo das coisas aliada à inocência perdida dos anos de infância; a abertura ao mundo e a esperança para lá do desespero; a comunhão com arte; o respeito em cada um pela essência que o define e transcende como homem”²⁴.

Participando do mesmo “sentimento trágico da vida”, Torga também coincide com Unamuno em se entregar à vertigem do trabalho para não perceber a ausência de sentido: “Lutar até à exaustão. Transformar cada hora de desânimo num triunfo da vontade. Não porque a vida valha a pena, mas para não lhe sancionarmos a nulidade” (27-VII-88).

Para além disso, a ação em Torga é um humanismo que há-de alcançar-se, para além de todas as barreiras, para além do desespero, e para além da angústia; como uma esperança contra toda esperança: “Sair do túnel de angústia e reencontrar a luz do mundo... De que maneira? A negar, simplesmente, a própria negação. A vida é uma luta instintiva contra a lucidez destruidora. Recusar, pois, o absurdo que a razão serve a todos os momentos à esperança” (9-VII-65).

No entanto, também há momentos de absoluta prostração: “O meu desalento vem duma voz negativa que me acompanha desde o berço e que nas piores horas diz isto: Nada, em absoluto, vale nada” (6-VII-36). Este pendor niilista, que coexiste com a afirmação vital, aparece com relativa frequência nas suas páginas: “Poucos, muito poucos, têm a coragem de enfrentar a verdade de que nenhuma existência vale a pena” (19-IX-88).

Em muitos momentos Torga aferra-se à Arte, produzindo-se uma absolutização da palavra poética: a poesia como religião, que vem de Baudelaire. Torga dirá que “Deus é pura poe-

sia” (15-IV-92); e chegará a cifrar na poesia a sua salvação pessoal. “Filosofia, religião e poesia - três pessoas distintas de uma santíssima trindade una e perfeita. Somente qual das três descerá um dia à terra para padecer por nós e nos salvar?” (5-XII-48). Em alguns casos diz a propósito da poesia estas apaixonadas palavras: “É preciso que abrace não apenas um indivíduo ou uma classe, mas o Homem. O Homem que as religiões salvaram para o céu nas catacumbas e no martírio, e que a Poesia deve salvar para a terra, à clara e alegre luz da beleza. Porque só a beleza nos arranca da solidão e nos une na mesma comunhão fraternal” (11-III-51). Mas afinal tem de confessar: “Quero o que não posso obter com palavras: o absoluto” (15-X-58).

5. Fome de absoluto e nostalgia da fé

Apesar de - e como consequência de - tudo o que temos dito, há em Torga uma profunda sede de absoluto e de amparo, tanto mais atroz quanto é sem esperança. Uma sede que até o seu prometeísmo lhe permite reconhecer: “Os Prometeus da imaginação grega são meras sublimações de humildes esforços bem sucedidos. Nascemos condenados à sede absoluta e ao gosto de a mitigar em fontes relativas” (5-VII-63). É como uma “invertida gravidade” que aparece também em outros textos torguianos²⁵.

Em alguns instantes parece estar perto da luz, mas a ilusão logo se desvanece: “A que Deus implorar qualquer ajuda, / Se sou eu que fabrico as divindades! / Imagino, / Imagino, / E, de tanto subir, chego ao divino. / Mas nenhum sequioso mata a sede / A beber na miragem de uma fonte. / Grito, / Grito, / E quanto mais acima, mais aflito” (20-VII-54). É que o escritor pensa ser lúcido demais para se deixar iludir por si próprio: “No auge da maior paixão, a lucidez corta-me as asas. E caio envergonhado dos píncaros da certeza no raso chão da dúvida. Daí a minha real incapacidade de adesão a igrejas de qualquer

²⁵ Eis aqui uma definição torguiana do homem como «Meditação»: “São de terra o seu riso e o seu pranto, / Frutos que o mesmo sol amadurece. / Mas há um sonho de céu em cada ramo. / E contra esta atracção / De que não sei que invertida / Gravidade, / O santo põe cilícios sob o manto, / E o poeta palavras no seu canto”, em *Libertação*, 3ª ed., 1960.

²³ É significativo encontrarmos no *Diário* a frequente repetição das palavras *teimar*, *teimosia*, *teimoso* e *teimosamente*.

²⁴ Marcello Duarte Mathias, art. cit., p. 15.

natureza [...] o meu espírito, embora sedento de absoluto, como sempre o conheci, se recusa encontrá-lo em qualquer prisão dogmática, e porfia descobri-lo no descampado inquieto da liberdade crítica" (15-X-63).

Torga - que se reconhece como "uma natureza religiosa, sedenta de transcendência" 3-IX-89) - não tem pudor em confessar: "Uma autêntica vivência religiosa deslumbra-me sempre. Mas um sistema religioso apavora-me como a própria morte. À semelhança do que ela faz às vítimas, também ele apaga a chama divina acesa no rosto da revelação, e lhe desenha o esqueleto mundano por debaixo da pele" (27-III-55). Aliás, ainda que atire uma acusação global à história da Igreja²⁶, o escritor trasmontano sabe mostrar admiração por alguns homens que viveram radicalmente o Evangelho²⁷, como também o íntimo abalo que sente "a pensar nas freiras [...] Santas irmãs! Mal imaginam, tão brancas de corpo e alma, o bem e o mal que me fazem. O bem de serem como são, e o mal de não poder entendê-las" (1-XII-66).

Chama a atenção o facto de o agnóstico Torga censurar a Igreja por ter perdido o sentido do Absoluto, mas é mais um sintoma da sua sede de transcendência: "A Igreja, como morada de transcendência e redil materno do rebanho, deixou de ter o sentido profundo de outrora" (15-XI-51). Mais ainda, é ele o primeiro a reivindicar o valor intrínseco da fé religiosa, para além das suas derivações ético-morais: "Também a Igreja parece apostada na dessacralização do mundo. Dessorada por dois mil anos de compromissos e de retórica seráfica, não se arrisca a relançar aos quatro ventos a palavra de escândalo que a humanidade sempre necessitou e necessitará. Como que envergo-

²⁶ "Já não chegas a tempo, por muito que te esforesças! A Igreja tolheu o homem durante vinte séculos. Agora é tarde demais para lhe anunciar a liberdade" (5-VIII-72).

²⁷ No *Diário* transparece a simpatia que Torga sentia nomeadamente por Francisco de Assis (12-VIII-81; 7-IX-81; 20-X-93), mas também por Teresa de Ávila (4-X-82), João XXIII (3-VI-63), ou o jesuíta Manuel da Nóbrega, a quem denomina "bandeirante do espírito" (16-VIII-64). Estas afinidades contrastam com a total incompreensão perante Inácio de Loyola: "Pobre Unamuno! Como a sua Universidade Literária, racional, à medida do homem, é frágil ao lado da Clerezia, dogmática, à medida de Deus! Mesmo que à saída da porta o protegesse, com o seu espírito desempoeirado de precursor, Frei Luís de León, caía-lhe logo sobre os ombros o sambenito negro da sombra de Santo Inácio" (28-VIII-50; cfr. 31-VIII-39; 1-IX-62).

nhada dos primórdios do seu vitalismo profético, ensarilha-se num estafado catecismo mais de ordem moral que religiosa" (23-III-79). De igual modo, critica o "progressivo declínio do ritual das cerimónias religiosas" (5-IV-85), ao dizer que "a própria Igreja, que sempre referia cada criatura a Deus e à sua divina perfeição, resolveu reduzi-la à pequenez natural. Limitou a majestade litúrgica a práticas sumárias, e, em vez de induzir o crente nos mistérios da transcendência, recomenda-lhe que seja rasteiramente funcional nos caminhos imanentes de uma salvação sem glória" (2-III-77). Há pois em Torga, e apesar de tudo, um forte fascínio pela absoluta transcendência de Deus.

Torga, que se é um humanista, também sabe que "se não há sobrenatural, há pelo menos necessidade de transcendência" (17-IV-74), e reprova que "a Igreja deixou-se adormecer à sombra sedativa de um catecismo ético [...] E, à falta de um excesso de transcendência, eis-nos entregues a um excesso de imanência" (17-VII-79).

No caso de Torga podemos falar de uma genuína nostalgia da fé: "Isto de religião está cada vez pior dentro de mim. Depois duns arrancos fundos e angustiosos, a coisa foi secando, até chegar a esta mirra mística, que já não há Jordão teológico capaz de vivificar. Mas quanto mais pobre estou desse conteúdo humano, mais cheio me sinto de desespero. O que eu dava para me levantar cedo esta manhã, ir à missa, e voltar da igreja com a cara que trazia o meu vizinho! [...] Queria era sentir-me ligado a um destino extra-biológico, a uma vida que não acabasse com a última pancada do coração" (16-VIII-36)²⁸.

Muitos dos registos do *Diário* assinados na sua aldeia de S. Martinho de Anta permitem comprovar repetidamente como a volta às raízes e o reencontro com a paisagem originária fazem brotar em Torga sentimentos de nostalgia religiosa: "Ser incrível custa muito! É dia de Páscoa. O gosto que eu teria de beijar também o Senhor, se acreditasse! Assim, olho a fé dos outros em aleluia, e fico nesta tristeza agnóstica que faz da vida uma agónica aventura sem esperança de ressurreição" (15-IV-

²⁸ Tratando disto, comenta Óscar Lopes que "é realmente mais difícil ser-se ateu, ou imanentista (de qualquer imanentismo) do que parece. Aliás os crentes escrupulosos dizem o mesmo do ser-se crente, e de um modo tão paralelo, que desponta a suspeita de haver aqui um qualquer problema mal posto"; Óscar Lopes, *op. cit.*, pp. 722-723.

79). Outra vez em S. Martinho de Anta, a nostalgia da fé: "A fé, alheia a qualquer metafísica, pragmática, saudavelmente natural e optimista [...] se a vida eterna é melhor do que esta, vale a pena acreditar nela" (26-VIII-79). Em ocasiões fala das suas "superstições": "Bem ou mal, lá consegui calar dentro de mim a voz religiosa. Mas continuo a ouvir a supersticiosa..." (10-IX-67).

É também a emoção que sente quando o seu pai reza o *Pai nosso*: "É um ciclar brando, que se prolonga pela noite afora, e me causa arrepios" (4-IV-55); ou quando lembra que "Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo! Era com estas palavras que meu Pai despegava das leiras, e não encontro outras mais apropriadas para esta hora" (26-II-81). Igualmente ao se lembrar da mãe: "Saudosos tempos em que minha Mãe acendia uma vela ao Santíssimo pelo êxito dos meus exames [...] Agora, é no total desamparo dum cepticismo estóico que me apresento a cada prova, e sempre, como neste preciso momento, à espera de uma reprovação" (14-IX-92). Ou simplesmente a saudosa lembrança da primeira comunhão (7-IV-85).

Em alguma ocasião, diante da lembrança dos seus maiores, tenta justificar-se: "Demorado exame de consciência no altar dos meus penates. Despi-me de todas as presunções alfabetas, e humildemente, na singela nudez dum filho pródigo, prestei-lhes contas da minha aventura humana, tão oposta à deles [...] justifiquei como pude a fé perdida, a visão laica da realidade, a esperança desencantada, a rebeldia teimosa, e o suor da rabiça trocado pelo da caneta" (24-VIII-65).

Esta "saudade religiosa" de Torga que estamos a analisar, aparece nomeadamente nos tempos sagrados do Natal e da Páscoa. São nomeadamente os poemas de Natal - que aparecem espalhados por todo o *Diário* - que nos dão indícios duma oculta religião sentimental, mostrando uma íntima ternura pelo Menino Deus. José de Melo comenta que Torga sente necessidade "de um Deus concreto, e coisificado mesmo, a ser pessoa no Menino Deus, e logo coisa, nas próprias coisas"²⁹: "Um Deus à nossa medida... / A fé sempre apetecida / De ver nascer um menino / Divino / E habitual. / A transcendência à lareira / A

receber da fogueira / Calor sobrenatural" (24-XII-53). É o Menino de Belém quem até consegue aproximar-lhe à fé: "Em Deus não acredito. / Mas de ti como posso duvidar?" (24-XII-66).

O nascimento de Jesus aparece então como motivo de esperança: "Dia de sol e de Natal; / Andam guerras no mundo e dói-me a vista; / Mas, com Deus no Marão sem neve, não há mal / Que resista" (Natal de 40). O próprio Torga comenta: "O cepticismo da idade não corrompeu a emoção que sinto nessas quadras festivas, sentado à lareira dos meus antepassados, à espera que chegue a meia-noite, e os repiques do campanário santo ou o estrondo dos bacamartes laicos me anunciem o renascimento da esperança. A estrela de Belém outra vez acesa na escuridão do mundo" (26-XII-78). E nos seus últimos anos continua a escrever: "Natal. E, só pelo facto de o ser, o mundo parece outro. Auroreal e mágico. O homem necessita cada vez mais destas datas sagradas. Para reencontrar a santidade da vida, deixar à tona impulsos religiosos profundos..." (24-XII-85).

Algum ano aproveita o Natal para exprimir as suas dúvidas teológicas (24-XII-68), mas outras vezes atreve-se a pedir: "Nasce mais uma vez, / Menino Deus! / Não faltes, que me faltas / Neste inverno gelado / [...] Nasce e fica comigo" (24-XII-87). No soneto intitulado "Pietà" chega mesmo a se identificar com Jesus morto nos braços de Maria: "Vejo-te ainda, Mãe, de olhar parado, / Da pedra e da tristeza, no meu canto, / Comigo ao colo, morto e nu, gelado, / Embrulhado nas dobras do teu manto" (Natal de 39).

Em outra ocasião Jesus é um menino a adormecer nos seus versos: "Estranho Menino Deus é o dum poeta! / O que nasce e renasce há muitos anos / Na minha noite de Natal, fingida, / Mal corresponde à imagem conhecida / Das sucursais do berço de Belém. / É uma criança tímida que vem / Visitar os meus sonhos, e, ao de leve, / Com mãos discretas, tece / Um poema de neve / Onde depois se deita e adormece" (24-XII-54).

Algo de semelhante, embora menos representado nas páginas do *Diário*, ocorre com a Páscoa, onde podemos encontrar uma visão emblemática de Cristo, como arquétipo do homem: "Sexta-Feira Santa. A Paixão de Cristo rememorada de

²⁹ José de Melo, *op. cit.*, p. 77.

várias maneiras [...] A história agónica de todos os homens, vivida simbólica e paroxisticamente por um só" (28-III-86).

Nestes trechos podemos comprovar o respeito e apreço que Cristo merece a Torga, sobretudo como símbolo, amando "não o Cristo oferecido pelo céu à terra [...] mas o que a terra ofecera generosamente ao céu pregado nas quatro direcções de uma cruz. Um Cristo polarizador de tantos e tantos que ficaram anónimos [...] Um Cristo divino criado pela nossa superação humana" (23-IX-72). Em Ribeira de Santarém descreve aquele Cristo do Ribatejo, com o qual aquece a alma, ao vê-lo preso à cruz por uma das mãos, o que lhe lembra um campino "a estender a mão fraterna a qualquer companheiro em vias de se afogar" (15-VI-59). Igualmente, noutro lugar escreve perante uma imagem de Cristo: "Aqui me tens ao pé, teu companheiro..." (11-IX-51)³⁰.

Talvez pode surpreender a seguinte confissão torguiana a qualquer que tenha lido as suas frequentes críticas à Igreja³¹, mas por que sabe que "o Padre-Nosso é muito mais importante do que o Papa" (13-XI-90), ousa dizer: "Sim. Apesar da sedução que no meu espírito exercem outros credos, se tivesse de me converter, seria ao catolicismo. É, afinal, a única religião compatível com a minha natureza torrencial, terrosa, pecadora. Uma religião que sagra de tal modo o profano que nele se fazem agentes demiúrgicos a água, o sal, o azeite, o pão e o vinho. A água e o sal do baptismo, o azeite da unção, e o pão e o vinho da eucaristia. A imanência e a transcendência tão medularmente conjugadas, que a realidade tangível se paradigmaticamente o prodigioso mistério da encarnação e no escândalo bárbaro e sublime de um Deus consubstanciado a quem antropofagicamente o devoto devora a carne e bebe o sangue" (8-V-74)³².

³⁰ Podem ver-se os seus comentários sobre *Jesus Cristo Super Star* (17-IV-74) e sobre *A última tentação de Cristo* (30-IX-88). Cfr. 17-IV-38, 19-IV-87.

³¹ Veja-se, a modo de exemplo, quando fala da "perseverança de uma fé que há dois mil anos move montanhas de incompreensão" (22-XII-84) ou quando diz que "o cristianismo não trouxe paz às consciências. Pelo contrário. Desgarrou o homem e acrescentou ao pesadelo da morte o do inferno" (18-VI-87); cfr. 18-VIII-59, 12-V-83, 12-IX-87, 11-V-91, etc.

³² Por outro lado, o escritor mistura as suas raízes cristãs com a civilização europeia: "Vou com todas as antenas do espírito em actividade, a tentar corajosamente separar dentro de mim o muito que devo a Cristo do pouco que recebi de Sócrates. É o terror

Torga sente "O fascínio do sobrenatural! Poucos lhe resistem" (14-IX-87). Mas nomeadamente perante determinadas situações e lugares. Em primeiro lugar perante a arte religiosa. Assim, nas catedrais sente que "Deus mora lá dentro, espelhado no silêncio respeitoso de cada visitante" (10-VIII-79). E nomeadamente a arte românica: "Sempre considere o românico o limite da minha sensibilidade católica. É que foi quando deixou se ser românica que a Igreja se tornou maniqueísta" (3-IX-87)³³. Algo de semelhante lhe acontece com o gregoriano: "Música gregoriana. E fiquei-me, enlevado, a pensar na humanidade do catolicismo. Na sua capacidade de harmonizar dentro de nós o que temos de bom e de mau, de puro e de impuro, de limpo e de sujo" (29-IV-81). Por isso, perante as ruínas de um mosteiro beneditino invejará "os monges felizes que aqui humildemente penitenciaram o corpo rebelde e pacificaram a alma atormentada" (8-IX-83). Em Évora escreve que "há um sagrado laico como há um sagrado religioso" (14-VIII-82).

Ainda que doutra maneira, também nas suas visitas a Espanha sente duma forma especial a força do sagrado. Por exemplo em Madrid escreve: "O espírito possesso de eternidade e a matéria possessa de temporalidade. Por não sei que capricho da natureza, até o ar que se respira aqui é religioso, e purifica com igual oxigénio devoto o sangue de ortodoxos e heterodoxos" (22-IV-60). Por vezes isto levará à ansiedade: "O catolicismo, aqui na Ibéria, respira-se como um ar de compressão. É o super-oxigénio da nossa asfixia social" (29-IV-56).

Há no escritor uma rejeição visceral de Deus, mas também uma profunda atração pelo religioso a partir de realidades concretas: "O sopro da eternidade vem-me do temporal" (31-X-59). Por vezes mostra querer acreditar: "À tardinha, abismado no meio da planície, dei comigo a perguntar à solidão qual das fomes nos seria mais dolorosa: a divina ou a humana? [...] O céu, afinal, fica longe, e a graça de Deus obtém-se por aproxi-

da morte (Pai, afasta de mim este cálice...), a cegueira da fé (que move montanhas), a penitência do pecado original (comerás o teu pão no suor do teu rosto), a avidez, o lume da inquisição, a intolerância política, a superstição e a idolatria que levo no meu pecúlio de europeu" (6-IX-53).

³³ Cfr. 3-VIII-56; 6-IX-83.

mações sucessivas. Até ao último momento há sempre, portanto, a possibilidade de a alcançar" (19-XI-61).

Encontramos esta queixa perante uma certa hipocrisia no ambiente: "Interessa mais ao zelo nacional averiguar se um poeta morreu sacramentado, do que ler os seus versos [...] E uma gente assim não me convém, nem tão-pouco o Deus intolerante que servem" (5-V-46). A mesma intolerância leva-lhe a este desabafo: "Só para não se viver no paraíso em tais companhias, vale a pena uma pessoa perder-se" (12-VII-58).

Jesús Herrero assinala que são frequentes em Torga os textos de aparente ateísmo mas que na realidade funcionam como pretextos para espriar a sua alma religiosa e desesperada³⁴. Por exemplo quando escreve: "Respondi-lhe que sim, que era ateu. Mas um ateu a conviver com divindades desde a pia baptismal. Primeiro, na catequese, a aprender o nome das pessoas da Santíssima Trindade; a seguir, nas senzalas do Brasil, a conhecer pessoalmente várias potestades tropicais; mais tarde, a ler na História da Grécia e de Roma a genealogia dos senhores do olimpo; por fim, a soletrar um catecismo pagão nas fragas do próprio berço. - Ateu! - filosofei. - Quem o poderá ser no seio de uma cultura onde noventa e nove por cento do oxigênio que se respira é de natureza celeste?" (15-IX-72)³⁵. Ou nesta outra confissão em que mais uma vez achamos algo de nostálgico: "Querida Deus, mas o do catecismo, o da minha inocência, o ser todo-poderoso e bom que em seis dias realizou o milagre da vida, simples e definitivamente. Mas esse perdi-o sem remédio. Aprendi que não era verdadeiro. E os outros, os que me são oferecidos de todos os lados, só me deprimem e desanimam" (6-III-66).

Em todo o caso nos seus últimos anos continuará a dizer: "Deus. O pesadelo dos meus dias. Tive sempre a coragem de o negar, mas nunca a força de o esquecer" (25-XII-84)³⁶.

³⁴ Vid. Jesús Herrero, *op. cit.*, p. 118.

³⁵ Também José Saramago diz algo de semelhante: "Yo no puedo decir en conciencia que soy ateo, nadie puede decirlo, porque el ateo auténtico sería alguien que viviera en una sociedad donde nunca hubiera existido una idea de Dios, una idea de trascendencia"; em Juan Arias, *José Saramago: El amor posible*, Barcelona, Planeta, 1998, p. 127.

³⁶ Cfr. o seu poema "Desfecho": "Não tenho palavras. / Gastei-as a negar-te... / (Só a negar-te eu pude combater / O terror de te ver / Em toda a parte)", em *Câmara Ardente*, Coimbra, ed. do autor, 1962, p. 50.

6. Conclusões: "Um poço de contradições"³⁷

Temos visto no *Diário* torguiano diversas atitudes opostas entre si em relação ao último sentido da vida humana, simultaneamente encarnação de desespero e esperança. Se o ser humano é sempre paradoxal, muito mais o poeta, e mais ainda no caso de Torga: "todo o poeta é um desesperado que não desespera" (5-VI-58). No *Diário* encontramos o discurso contraditório de um homem que sente a sua personalidade como dois andares sobrepostos: "O da minha humanidade profunda, radical, e o da minha humanidade circunstancial, histórica. Num, tudo era escuridão e descrença; no outro, claridade e confiança. [...] Jano de duas faces irreduzíveis que há em todos nós, e que felizmente poucos são capazes de consciencializar em si, e, desgraçadamente, menos ainda de entender no semelhante" (20-XII-72). No fundo trata-se da "permanente afirmação dos valores a que sempre me rendi: o sagrado e o profano. O sagrado e o profano que há na própria vida" (26-XII-78).

Aliás são frequentes no próprio *Diário* as alusões explícitas ao mesmo ser contraditório do escritor, até ao ponto de dizer, em paráfrase à conhecida expressão de Sartre, "o meu inferno sou eu" (16-X-79)³⁸. "A lutar com tudo e com todos" (8-VIII-86), reconhece: "Sim, sou um nó de contradições. Mas que seria de mim se o desatasse? Se, em vez de uma unidade na diversidade, fosse uma diversidade sem unidade?" (14-II-85). Portanto, o escritor vive em tensão, o que explica uma certa cisão na sua antropologia: "Não paro, nem sossego. / Nasci

³⁷ Torga fala de si próprio a dizer que "se as vozes do mundo o deixassem ser só quem é, ele até podia ser um poço de contradições. Natureza imprevisível, o pior que se pode pedir a um poeta é que seja fiel às suas palavras" (28-VII-77).

³⁸ "Morro sem saber nada de mim. Nó cego de contradições, nunca, com nenhum raciocínio, consegui desatá-lo. Há na minha vida uma tal dose de absurdo e uma lógica tão inexorável, que pareço, simultaneamente, uma desordem e uma ordem existenciais [...] Despeço-me do mundo a contemplar atônito o triste espetáculo de um pobre Adão paradoxal, expulso da inocência sem culpa e sem explicação" (29-XI-84). Em outro lugar vai além: "Uma alma só vale pelas suas contradições. E a que me coube em sorte era um enxame delas. Se muito duvidei, muito confiei. Acossado entre dois fogos, ora me via perdido, ora salvo. Acabou por vencer o poder que mais podia. E ficou dessa luta titânica um hino à vida" (28-VI-88).

assim, aflito. / Morro e ressuscito / Em cada hora. / A paz não mora / No meu coração" (14-VIII-87).

Freqüentemente as referências torguianas a uma transcendência como que se dilui numa espécie de ambigüidade. Mas parece-nos ver nele um agnosticismo aberto: "Sou a imagem viva dum inferno de contradições. Por isso, em vez de me escudar na ilusão de uma serenidade que não tenho, abro-me inteiro à evidência da lição que me espera" (6-IX-53)³⁹. Em todo o caso Torga é um agnóstico que nunca chega a estar longe de Deus, no fundo da mente e do coração. O escritor mostra, deste modo, que nem sempre estão tão claros os limites entre fé e agnosticismo, ainda que não consiga dar o passo de pedir a fé: "Eu creio! Ajuda a minha incredulidade!" (Mc. 9, 23).

Portanto, perante quem pensar que as preocupações transcendentais sejam algo de ultrapassado no Torga maduro, pensamos com Francisco Maciel Silveira que: "os títulos, metáforas e alusões ao sagrado do Catolicismo se intensificam, com força denunciadora de que a divindade, apesar da negação torguiana dos deuses, é uma presença perturbadora"⁴⁰. Óscar Lopes sublinha que Torga "não escapará nunca às contradições de todo aquele que se quer, em absoluto, transcendente ou imanente à matéria, à terra, à carne, à humanidade, à própria consciência humana como simples dado. Mas eis a diferença: enquanto Régio (e, antes, noutro estilo, Sá-Carneiro) põe o acento tónico na transcendência, Torga pretender-se-á sempre o poeta do imanentismo radical"⁴¹.

No fundo, Torga fala desde um ângulo religioso, que também se reflete na sua forma de escrever. Temos comprovado, assim, a repetição de imagens e símbolos religiosos - freqüentemente de origem bíblica - embora freqüentemente virados para o simples avesso imanentista. De fato, algum crítico nota que todas as sínteses da poesia e da literatura torguianas

são dotadas da petrificação da sombra do profano contra a luz do sagrado⁴².

Torga, que cedo deixara a revista *Presença*, para nunca mais se alinhar em grupo nenhum, faz questão de ser um escritor independente: "Solidário mas autónomo, o poeta é um rebelde [...] Só não trai o seu semelhante quando não se trai a si próprio" (6-VI-77). Marcado por uma espécie de recorrente autolatria, chega até a afirmar-se como "um homem inteiramente livre" (20-V-47)⁴³. Contudo o escritor trasmontano ama os outros homens, e se, no sofrimento da vida se lhes irmana, também nos olhos apontados à esperança ele os leva consigo. Aliás, o *Diário* reflete as esperanças e angústias do seu tempo.

Como diz o crítico Eduardo Lourenço: "Deus não é uma palavra morta na poesia de Miguel Torga. Digamo-lo sem rodeios: este homem de expressão voluntariosa e forte vive crucificado numa contradição e dela germina, «como um joio imortal», a sua angústia e desespero. Que contradição? A de um homem que escreve deuses e pensa Deus, que escreve Deus e não sabe ao certo se pensa Nada. Mas esse Nada o inquieta como se fosse Deus. [...] A ambigüidade da situação religiosa de Torga, tal como se reflete nas suas obras, é ainda mais acentuada que a de José Régio, que parecendo jogar sempre em dois tabuleiros, ao mesmo tempo, na realidade, jogou preferentemente no tabuleiro de Deus. Miguel Torga, ao contrário, joga no tabuleiro de Deus e do Homem, um homem que ele não concebe, a maioria das vezes, senão como o opositor de Deus; mas o seu jogo é desconcertante porque não joga nos dois tabuleiros ao mesmo tempo, mas sucessivamente"⁴⁴.

Talvez, pela sua disposição ante a transcendência, poderíamos situar Miguel Torga entre os escritores "limiáres": os que se referem tentativamente ao absoluto, mas só desde uma

³⁹ Neste sentido podemos lembrar trechos de outras obras torguianas: "É contra mim que luto. / Não tenho outro inimigo" (*Orfeu Rebelde*, poema "Guerra Civil"); "A paz possível é não ter nenhuma" (*Penas do Purgatório*, poema "Princípio").

⁴⁰ Francisco Maciel Silveira, art. cit., p. 562.

⁴¹ Óscar Lopes, op. cit., p. 721.

⁴² Cfr. Fernão de Magalhães Gonçalves, op. cit., p. 129.

⁴³ Ele próprio rectifica quando diz "Livre não sou, que nem a própria vida / Mo consente. / Mas a minha aguerrida / Teimosia / É quebrar dia a dia / Um grilhão da corrente" (*Cântico do Homem*, 1974). Como salienta Jesus Herrero "escrever para agradecer, mesmo ao público, teria sido um pecado que Torga nunca perdoaria a si mesmo, dado o seu sentido do pundonor e da independência espiritual"; vid. Jesús Herrero, *Miguel Torga, poeta ibérico*, Lisboa, Arcádia, 1979, p. 65.

⁴⁴ Eduardo Lourenço, "O desespero humanista de Miguel Torga e o das novas gerações", em *Tempo e Poesia*, Porto, Ed. Inova, 1974, pp. 110-111.

experiência limiar, desde a soleira da dúvida ou do presentimento⁴⁵. Em qualquer caso o propósito de Torga - como o da própria literatura em geral - não é tanto resolver problemas, mas sim propor esses problemas com todo o seu vigor e atrativo: "Não, não tenho certezas; / Tenho bruma" (1-X-49).

Podemos, portanto, terminar com esta humilde confissão no final da vida: "Não me perguntes, porque nada sei / Da vida, / Nem do amor, / Nem de Deus, Nem da morte. Vivo, / Amo, / Acredito sem crer, / E morro, antecipadamente / Resuscitado / [...] E na minha mudez / Aprende a adivinhar / O que de mim não possas entender" (17-IX-92).

⁴⁵ Servimo-nos aqui da classificação que faz o prof. Antonio Blanch de quatro atitudes literárias: o naturalista, o idealista, o explicitamente religioso e o limiar; em *El hombre imaginario. Una antropología literaria*, Madrid, PPC - Universidad de Comillas, 1995, pp. 412-424.